

## Do texto multimodal ao texto argumentativo: uma pesquisa comparativa

Elisabete Luciana Morais Ferreira<sup>1</sup>

Rosana Muniz Soares<sup>2</sup>

Juliana de Freitas Dias (orientadora)

### Resumo:

Esta pesquisa objetiva analisar qualitativamente a escrita de textos argumentativos a partir de textos do gênero multimodal<sup>3</sup>, ambos produzidos pelo mesmo aluno, a fim de verificar se há uma correspondência de análise entre os dois textos, no que tange: ao reconhecimento de uma questão polêmica evidente por parte do autor; à defesa explícita de uma tese; à discussão do tratamento da ideologia que investe o discurso do aluno; à presença de operadores argumentativos que conduzam ao convencimento do leitor; e ao próprio diálogo do autor com leitor do texto. Os pressupostos teóricos utilizados compreendem, principalmente, a Análise de Discurso Crítica desenvolvida por Fairclough (2001) e a teoria acerca do gênero argumentativo, por Koch (2002) e Garcia (2010), utilizando-se um método descritivo-comparativo. O resultado da pesquisa revela que um texto argumentativo produzido a partir de um multimodal, com questão polêmica evidente, tende a apresentar uma tese mais clara e uma discussão ideológica mais profunda que o texto produzido a partir de um multimodal sem questão polêmica evidente.

**Palavras-chave:** Texto. Argumentação. Multimodalidade. Polêmica. Ideologia.

### 1. Introdução

No decorrer de nosso dia a dia, trabalhando com a produção e reescrita de textos com os mais diversos gêneros textuais, temos percebido que, muitos alunos, ao ingressarem na Universidade de Brasília, trazem consigo concepções muito engessadas a respeito da estrutura do texto argumentativo – raciocínio que, aliás, se estende a questão da produção textual em si. Isso significa, para muitos alunos, que escrever um texto é seguir uma fórmula mais ou menos pré-estabelecida, que é passada adiante por grande parte dos professores de redação. No caso do texto argumentativo, em especial, o aluno sabe, por fórmulas passadas a ele, que este texto se estrutura da seguinte maneira: introdução + argumento 1 + argumento 2 + conclusão, cabendo a cada tópico um parágrafo no texto. Não há reflexão crítica em cima disso, não se questiona o porquê dessa subdivisão, não se debate verdadeiramente o tema em questão.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras - Português (bacharelado) pela Universidade de Brasília(UnB).  
betemorais10@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Brasília (DF). zanamunizporto@gmail.com

<sup>3</sup> Em linhas gerais, o texto multimodal é composto por linguagem verbal e não verbal, este gênero textual reflete as intenções de seu autor e ocupa um espaço cada vez mais representativo nas práticas sociais contemporâneas.

Da mesma maneira, são poucos os alunos que vivenciam, no Ensino Médio e ao longo da graduação, discussões ideológicas e verdadeiramente polêmicas sobre um determinado assunto, ou são incentivados a refletir sobre sua própria participação no processo de produção textual. Muitos não são levados a perceber as diferentes interpretações que um texto pode implicar, as diferentes influências de cada imagem, palavra ou expressão que um texto contém, e as relações disso com o tema. Ou seja, o aluno é duplamente prejudicado quando se depara com a necessidade de produzir um texto argumentativo na universidade: por um lado, ele não entende o motivo de estruturar o texto da maneira como ele aprendeu; por outro, ele não é estimulado a fazer reflexões conscientes sobre o texto que está escrevendo, sem perceber se está escrevendo um texto que vai enfraquecer ou fortalecer a opinião de seu leitor, se escreve um texto que enfoque as ideologias vigentes, ou não, entre outros.

Então, surgiu a oportunidade de se trabalhar na UnB a produção de textos argumentativos, a partir de outro gênero textual, os textos multimodais, produzidos por alunos da disciplina “Leitura e Produção de Textos”, universitários recém-ingressos em diversos cursos da Universidade de Brasília. Acreditamos que esses gêneros enfocam explicitamente a ideologia e a manipulação de ideias que conduzem o leitor a um raciocínio reflexivo e crítico a cerca da realidade que o rodeia.

## **2. Pressupostos teóricos**

Trabalharemos, nessa pesquisa, com algumas noções da Análise de Discurso Crítica, com Fairclough (2001), de Ideologia, com Thompson (1995) e considerações a respeito do texto argumentativo e sua estrutura, com Koch (2002) e Garcia (2010). Veremos, dessa forma, como esses conceitos se articulam e dialogam entre si.

Fairclough (2001) propõe a união entre um estudo linguístico e processos sociais, de modo a visualizar, nessa relação, a possibilidade de mudança social pelo

discurso. O discurso “crítico” pretende desmistificar conexões que estão ocultas e busca intervenção dos indivíduos por meio da mudança e conscientização, mostrando como o discurso é ajustado de acordo com ideologias e relações de poder.

O autor propõe o uso do termo “discurso” em termos de uma relação social, isto é, refere-se ao uso da linguagem como uma forma de prática social, não apenas como uma atividade individual. Adotar “discurso” neste sentido implica entendê-lo como modo de ação, ou seja, o modo pelo qual as pessoas, por meio da linguagem, agem sobre o mundo e sobre as demais pessoas; e implica entender que há uma relação dialética entre discurso (mais especificamente, a prática social) e a estrutura social, isto é, ao mesmo tempo em que o discurso é limitado pela estrutura social, ele também constitui essa estrutura que o modela. Sobre isso, afirma Fairclough (2001, p. 91): “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.”.

À luz dessa compreensão, a Análise do Discurso Crítica enfoca o discurso com base em uma **concepção tridimensional do discurso**, segundo a qual o evento discursivo possui três dimensões: o texto, a prática discursiva e a prática social. Isso significa dizer que o **texto** (dimensão textual) – no sentido amplo de linguagem escrita e falada – é apenas uma das facetas do discurso, que dialoga com a prática social (dimensão social) por meio de uma outra dimensão, a prática discursiva.

A prática social – dimensão de que trataremos com maior detalhe aqui – compreende a análise do discurso no que diz respeito à **ideologia** e às **relações de poder** – focalizadas, por Fairclough (2001), como lutas hegemônicas – estabelecidas socialmente. Segundo este autor, é necessário considerar a ideologia como algo que possui existência material nas práticas das instituições, o que permite investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia e como algo que interpela os sujeitos, e interfere em sua constituição. A ideologia, sob esta ótica, deve ser vista não como um conceito engessado, *reproduzido* pelos indivíduos em seu discurso, que não buscam *resistir* a ele, mas deve ser vista sob a perspectiva da transformação, ressaltando a ideologia como processo, transformação e fluidez. A ideologia, conforme Fairclough (2001), investe a linguagem em vários níveis e de diversas maneiras, por isso é

importante observar aquela quando se trata de análise de discurso, visto que a relação entre discurso (especificamente, as dimensões da prática discursiva e da prática social) e ideologia é dinâmica e de efeito intercambiável.

Thompson (1995) acrescenta novas ideias a esta concepção. Segundo ele, há muitos modos pelos quais o sentido (noção que se relaciona com as formas simbólicas: ações, falas, imagens, textos, entre outros) pode sustentar as relações de dominação que caracterizam a ideologia, o que o levou a classificar cinco modos em que isso ocorre, cada um com estratégias específicas: a *legitimação*, que opera no sentido de apresentar as assimetrias sociais como legítimas e justas; a *dissimulação*, que oculta as relações e causas reais por trás de um fenômeno (por exemplo, pelo uso do eufemismo); a *unificação*, que relaciona os indivíduos numa identificação coletiva, nunca individual; a *fragmentação*, que segmenta indivíduos considerados como ameaça a um grupo dominante; e, finalmente, a *reificação*, que apresenta uma situação temporária como algo permanente, natural. O desdobramento destes modos e a especificação da estratégia utilizada em cada caso constituem uma ferramenta importante na análise textual, uma vez que permitem a identificação de marcas textuais que contribuem para a atitude de reprodução, ou de resistência frente a uma postura ideológica.

## **2.1 Intertextualidade**

Por *intertextualidade* entende-se o modo como os textos e os enunciados são moldados por textos anteriores aos quais eles estão ‘respondendo’ e por textos subsequentes que eles ‘antecipam’ (FAIRCLOUGH, 2001). Então, vemos que todo enunciado que produzimos está, de alguma maneira, dialogando com outros enunciados anteriores e posteriores ao nosso. Assim, um texto se torna um meio de reprisar uma ideia, apresentada em outros textos, ou um meio de responder a enunciados, contestando-os. Daí surge um diálogo entre os textos, de modo que cada enunciado se caracteriza como um elo na cadeira da comunicação. Esta é a noção bakhtiniana, segundo a qual todos os enunciados são marcados por uma mudança de falante e são orientados para enunciados de falantes anteriores.

Fairclough, respaldado na teoria de Authier-Rèvuz (1982, *apud* FAIRCLOUGH, 2001) e de Maingueneau (1987, *apud* FAIRCLOUGH, 2001), distingue duas maneiras de entender a intertextualidade: a **intertextualidade manifesta**, que diz respeito à relação de um texto com outros textos específicos, que se manifestam explicitamente por meio de traços na superfície do texto, como aspas; e a **intertextualidade constitutiva**, referente à relação entre textos e as convenções, isto é, é a configuração de convenções discursivas que entram na produção de um texto.

## 2.2 O texto argumentativo

Koch (2002) considera o ato de argumentar como “o ato linguístico fundamental” (p. 10), em vez de o ato de comunicação. Isto implica dizer que não há produção textual meramente informativa, com o objetivo de expor ideias com neutralidade, mas que toda interação social se dá por meio da argumentatividade. A autora afirma que até mesmo nos textos narrativos e descritivos há argumentatividade em maior ou menor grau, visto que a simples seleção e colocação da informação já implica uma escolha, e, portanto, uma interpretação. Desse modo, aprofundaremos um estudo sobre o texto argumentativo, visto que neste se verifica o uso da argumentatividade em maior grau, em detrimento do texto multimodal, que é um texto argumentativo em grau menor.

Koch (2002) afirma que é preciso instigar a consciência do falante quanto ao “modus operandi” da língua no texto social, e enfoca a linguagem como “forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (p. 15); relacionando esta noção com a ideia de que é preciso levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas – sobretudo – ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social.

É por essa razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia** (...). A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2002, p. 17)

Sobre a coerência, esta mesma autora enfoca um estudo sobre as marcas linguísticas da argumentação, ou seja, quanto aos procedimentos utilizados para se estabelecer a coerência textual, regida pela intenção de quem enuncia. O texto, sob esta perspectiva, é visto como algo que é dito propositadamente e, de certo modo, moldado pelas intenções do falante; porém, cada texto pode ter uma multiplicidade de significações, desse modo, não há ‘interpretação única’ ou verdadeira.

Para tanto, temos os *operadores argumentativos* que são elementos constitutivos de um enunciado e se apresentam como orientadores da sequência do discurso, ou seja, determinam os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, como por exemplo: mas, porém, embora, já que<sup>4</sup>, entre outros.

Grande parte da força argumentativa do texto está na dependência desses operadores. Por isso, é necessário enfatizar para o usuário da língua o valor argumentativo desses operadores para que ele possa percebê-los no discurso do outro e visualizá-los no seu próprio discurso.

É salutar que o leitor, ao se deparar com o texto argumentativo (e outros gêneros textuais também, como os textos multimodais), seja capaz de exercer sua consciência crítica e saiba identificar as ideologias ocultas presentes no texto e saiba agir frente a elas, buscando a transformação do mundo que o cerca. Isto deve se aplicar tanto nos casos em que o embate ideológico é visível e a tentativa de convencer ou persuadir o leitor é clara – caso dos textos com **questão polêmica evidente** –, quanto nos casos em que a disputa ideológica está menos evidente, em que as representações ideológicas se dão como senso comum – caso dos textos com **questão polêmica menos evidente**.

Garcia (2010, p. 380) afirma que a argumentação é “a maneira como o autor procura convencer o leitor, formar-lhe a opinião, pela evidência dos fatos, quer dizer, pelas provas com que vai fundamentando suas declarações”. Além disso, acrescenta que, na argumentação, “procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.”. Contudo, é preciso ressaltar

que, o leitor tem a opção de concordar, ou não, com a sua *tese*. O autor do texto argumentativo, portanto, deve apresentar provas e um raciocínio coerente que confirmem ao texto maior argumentatividade, com o intuito de convencer ou persuadir o leitor.

Assim, nesta pesquisa, trabalharemos com esta linha de reflexão: o aluno deve ser capaz de reconhecer uma *questão polêmica* (uma questão argumentável e passível de participação do leitor ao discordar, ou não, do ponto de vista do autor) e produzir um texto argumentativo coerente, que sustente seu raciocínio na defesa de uma *tese*.

### 3. Apresentação da pesquisa

**Objetivo geral:** Verificar como os alunos trabalham com a produção textual de textos argumentativos, a partir de textos multimodais com questão polêmica mais ou menos evidente.

#### **Objetivos específicos:**

1. Analisar como se dá a transposição textual de um texto do gênero multimodal para um texto do gênero argumentativo, verificando se o grau de argumentatividade se mantém o mesmo nos dois tipos de texto;
2. Observar a capacidade dos alunos de produzir textos multimodais que apresentem questões polêmicas evidentes e que se mostrem dialógicos com o leitor.

Em consonância com os objetivos apontados, procuramos obter respostas para algumas **questões de pesquisa** no decorrer deste processo, tais como:

- 1) O texto argumentativo produzido a partir de um texto multimodal em que a questão polêmica é evidente será mais motivado ideologicamente do que textos feitos a partir de multimodais com questão polêmica menos evidente?
- 2) Textos multimodais com questões polêmicas menos evidentes geram textos baseados no senso comum (ou seja, textos em que há reprodução ideológica)?
- 3) Textos argumentativos que procuram explicitamente defender ou transformar uma ideologia apresentam mais marcas gramaticais que levem o leitor a esta percepção?

#### **3.1. Proposta da pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada com uma turma da disciplina Leitura e Produção de Textos, do 2º semestre de 2012, que teve início em agosto e o seu término em dezembro deste mesmo ano. Num primeiro momento, aconteceram aulas teóricas e expositivas para os alunos sobre

argumentação e o gênero multimodal. Com isso, os alunos confeccionaram um texto multimodal (envolvendo imagens e textos escritos, isto é, linguagem verbal e não verbal) em uma folha A3, e um parágrafo explicativo deste trabalho numa outra folha, A4. Estas duas folhas resultariam no **trabalho multimodal** dos alunos, que deveria tratar de um tema passível de argumentação (polêmico). A partir de uma lista com aproximadamente 50 temas sugeridos pela professora – como, por exemplo, “a televisão é um passatempo mortificante” –, os alunos escolheram uma temática e produziram um trabalho multimodal acerca dela.

Uma planilha de correção foi utilizada nestes trabalhos, de modo que o enfoque da correção era não somente o emprego da norma culta e o teor do conteúdo dos trabalhos, mas também a presença obrigatória de linguagem verbal e não verbal no trabalho da folha A3. Depois de corrigidos, de acordo com a planilha, os trabalhos multimodais foram entregues aos alunos para que pudessem, a partir da correção, produzir, em sala de aula, um texto argumentativo a partir de seu próprio multimodal.

Passamos à seleção de alguns textos que servissem de *corpus* para a análise, visto que seria inviável realizar esta análise em todos os textos dos alunos. Desse modo, nossa atenção ficou voltada para os textos que possuísem questões polêmicas evidentes, e outros que apresentassem estas questões de modo mais obscurecido.

### 3.2. de dados

Os critérios utilizados para responder as questões de pesquisa dizem respeito: a) à teoria da Análise de Discurso Crítica, difundida por Fairclough (2001); b) à teoria de Thompson (1995), em relação aos modos de sustentação de relações de poder; c) à teoria de Koch (2002) e de Garcia (2010), enfatizando as estratégias de construção do texto argumentativo.

Pressupostos teóricos	Crítérios selecionados	Nº
	Uso de metáforas. A metáfora carrega implicações	
a) Teoria da Análise do	ideológicas e é capaz de conferir outros significados ideológicos à construção em que se insere, ou à palavra a que se refere.	1

Discurso Crítica (que concebe o discurso segundo um enfoque tridimensional)	Processos envolvendo o léxico: a escolha vocabular é um fator importante a ser estudado aqui, pois a escolha das palavras já é resultado de uma reflexão do aluno, acerca da ideia que ele deseja transmitir ao leitor.	2
	<i>Ethos</i> : esta categoria observa comportamentos verbais e não verbais, que contribuem para a formação da identidade social de quem participa no discurso.	3
	Intertextualidade: se relaciona com o <i>ethos</i> , visto que trata da relação entre diferentes gêneros e diferentes tipos de discurso..	4
b)Estudo realizado por Thompson (1995), no que diz respeito aos modos e estratégias de sustentação de relações de poder.	Legitimação: expõe as relações de poder (assimétricas) como justas, dignas e naturais. Parte da estratégia desse modo consiste em universalizar aspectos particulares como se fossem benéficos para todos.	5
	Dissimulação: consiste em ocultar as causas reais de um acontecimento ou de um fato, por meio de estratégias como o uso de eufemismos, metonímia e metáfora, a fim de minimizar ou fazer desaparecer os efeitos de certas causa.	6
	Unificação: este modo de operação reúne numa só unidade sujeitos individuais, conferindo-os o status de uma identificação coletiva.	7
	Reificação: modo de operação que consiste na sustentação de uma relação de dominação através da representação de uma situação transitória como se fosse permanente.	8
c) Abordagem de Koch e Garcia sobre argumentação e linguagem	Estudo dos operadores argumentativos, que são os responsáveis, segundo Koch, pelo encadeamento de enunciados. Alguns exemplos são “até”, “pelo menos”, “mas”, “já”, “bastante”, “muito”, “pouco”, “ainda”, entre outros;	9
	Coesão e coerência no texto. Estes são os principais conceitos que conduzem o leitor a inferir ou a se deixar convencer pela tese defendida pelo autor do texto.	10
	Estrutura do texto argumentativo, no que se refere à proposição de uma tese e os consequentes argumentos que validem esta tese. Vale ressaltar que esta tese deve tratar de um assunto passível de argumentação.	11

### **Quadro 1 - Critérios selecionados a partir dos pressupostos teóricos para avaliar os textos multimodais**

Os onze critérios elencados acima são os norteadores da avaliação dos textos multimodais e argumentativos dos alunos. Para facilitar a identificação dos aspectos nos textos dos alunos, enumeramos de 1 a 11 cada aspecto, na última coluna.

#### **4. Análise dos textos**

Selecionamos, para este presente trabalho, quatro textos (originalmente, seis) que constituem o *corpus* desta pesquisa. A partir destas concepções citadas e dos critérios elencados anteriormente, pretendemos identificar, em cada trabalho: i) como o aluno estrutura o seu texto, de acordo com a teoria aqui discutida a respeito do texto argumentativo; ii) como o aluno se relaciona com seu leitor e como ele se coloca enquanto sujeito - se é reproduzidor de ideologias, ou não; iii) os recursos linguísticos mais recorrentes em cada tipo de texto. Uma vez realizado este levantamento no texto multimodal feito na folha A3, investigaremos os mesmos aspectos no texto argumentativo escrito na folha A4, a fim de encontrar uma comparação entre os resultados obtidos nos dois trabalhos.

No primeiro texto que selecionamos (multimodal na figura 1), o autor fez uma montagem com diversas imagens, todas representando uma relação entre pais e filhos. Algumas das imagens retratam essa situação positivamente - no caso em que a criança e os pais estão felizes, ou a criança aparece feliz ao lado de um dos pais -, outras mostram situações negativas, em que a criança se mostra refém da discórdia entre os pais, vítima de brigas e desentendimentos. A frase “O que é melhor para a criança?” acompanha as figuras.

Neste trabalho não se explorou as possibilidades de transposição de planos (por exemplo, poderia posicionar as imagens que mostram situações indesejadas atrás das situações ideais), ou do uso das cores, para exemplificar o que é tido como “ideal”, ou o que a autora quer combater. Apesar disso, o trabalho apresenta uma questão *polêmica evidente*. Esta trata da disputa dos pais pela guarda da criança, o que é evidente pelas brigas retratadas, ou pela figura da criança entre os pais, que a seguram pelos braços. Este é um tema discutível em nossa sociedade, visto que é possível argumentar em sentidos diversos.





**Figura 2 - Segundo trabalho com questão polêmica evidente (A3)**

Este último trabalho revela-se ainda mais elaborado que o anterior, uma vez que além de apresentar uma questão polêmica aberta à discussão, ele trabalha com o posicionamento das imagens, a distribuição das figuras (ou seja, a análise do *ethos* cabe bem aqui). A frase: “Iguais, diferentes” dá pista ao leitor de que o tema é a desigualdade social. Em primeiro plano, foi posicionada a figura de uma mulher aparentemente rica, com joias e roupas caras. Em segundo plano, atrás da mulher identificada como rica, está retratada uma moça pobre, com vestes simples, segurando uma panela. Seria esta moça uma cozinheira, empregada da mulher rica? Talvez; mas o certo é que esta moça não possui as condições financeiras da mulher à sua frente. Porém, ambas as pessoas estão sem rosto no desenho, o que indica que, na verdade, elas são iguais; são só seres humanos em essência, de modo que a diferença entre elas só se encontra no exterior, nas posses que têm. Ao fundo, há o contorno de um mapa do Brasil, apagado e sem cor, país que projeta essa imagem desigual, fruto do sistema (social, político, econômico) no qual nos inserimos.

O trabalho apresenta uma questão polêmica argumentável. No texto escrito a partir do multimodal, o autor ressalta que “As diferenças de classe são um produto inevitável do capitalismo e em um território tão vasto como o Brasil esse contraste é intenso”, o que traduz exatamente o que conseguimos ler na imagem. Argumentos por meio de exemplificação corroboram a *tese*: “Cada região tem a sua importância no desenvolvimento do país, mas ao comparar Nordeste com Sudeste, onde há o maior polo industrial do país, a impressão é de dois mundos distintos”; “a condição financeira tende a remeter ao status (...) atualmente e antigamente sempre houveram [sic] disputas pelo poder, não apenas poder político ou financeiro, mas também um poder de influência”. Apesar de estes trechos reforçarem a *tese* do autor, é necessário reconhecer que

o texto, de modo geral, poderia ter sido mais desenvolvido; o autor não aponta possíveis soluções para os problemas aparentes e não abre à discussão como poderia fazê-lo.

Retomando o tratamento dado por Fairclough (2001) a respeito da ideologia, vemos que os três trabalhos apresentados não são unânimes na tentativa de **resistir** a relações de dominação, que caracterizam a ideologia vigente no contexto social em que estes textos foram produzidos. Somente no primeiro trabalho combate-se, por meio do discurso, a “ideia arraigada” de que é sempre a mulher que deve cuidar dos filhos. Porém, no segundo trabalho, o autor afirma que “não há livre-arbítrio”, assumindo radicalmente a postura de que não há a possibilidade de mudança por meio do discurso. O texto assevera que “todas as ações humanas são controladas”, em tom de constatação, nunca de contestação; é mais um diagnóstico da situação do que uma ideia de mudança e resistência a um quadro social estático, a um pensamento ideológico. O terceiro trabalho, que aparenta ser combativo, também é meramente reprodutor de ideologias, ao fazer um diagnóstico do quadro atual como desigual, e finalizando o texto com “não há solução clara e acessível, pois toda a população está incluída em um sistema onde essas são as regras”. Ou seja, nem foi preciso fazer uma análise mais profunda do léxico para constatar a conformação dos autores com as ideias trabalhadas.

Os seguintes textos foram selecionados por não apresentarem nenhuma questão polêmica que gere uma *tese* defensável.

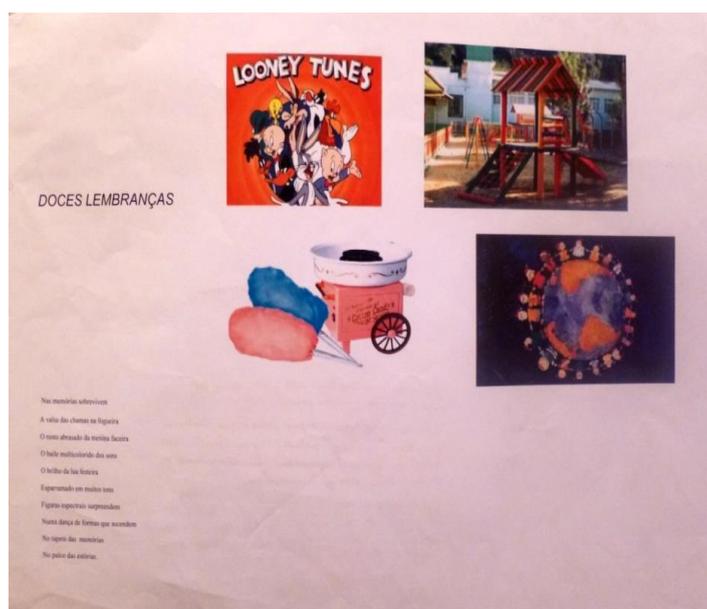


Figura 3 - Primeiro trabalho sem questão polêmica evidente (A3)

O primeiro, representado pela figura 5, trata da infância. O autor não apresenta nenhum embate ideológico, apenas expõe fotografias que remetem à infância, como imagens de desenhos, de parques, de doces. A disposição das imagens parece aleatória e não provoca o leitor a relacioná-las; o estudo do *ethos* parece prejudicado aqui, já que não importa a escolha das cores e da colocação das fotografias, entre outros, na discussão em prol da defesa de uma *tese*. Aliás, não há *tese* evidente da qual convencer o leitor, há apenas a exposição de fotografias e de um poema que trata da memória, com o intuito de simplesmente enquadrá-los no mesmo campo da “doce lembrança”.

Verificando o texto argumentativo produzido, constatamos que ele apresenta semelhante análise. Não fica clara a *tese* que o autor pretende defender, há apenas afirmações de senso comum, tais como (sic): “A infância é uma fase da vida onde todos os nossos aprendizados serão perpetuados pela vida inteira.”; “Nessa fase *testa-se* os limites, *se conhece* os medos e os traumas, é onde, de modo geral, o ser interpreta o mundo”; “a infância é uma importante fase da vida, pois é nesse período *onde* o ser interpreta e tira suas conclusões sobre o mundo”. Estas afirmações mostram como as ideias expostas estão vagas e repetitivas, e não buscam defender uma *tese*, enfatizando o senso comum. Além disso, vale notar que o autor mostrou não dominar o gênero argumentativo ou não compreendeu a atividade, uma vez que fez referência explícita ao trabalho/ao tema em que estava se apoiando para escrever: a temática ‘aspectos da paisagem ou de eventos que despertam evocações da infância’. De modo geral, este tipo de metalinguagem foi encontrado em muitos textos *sem questão polêmica evidente*.

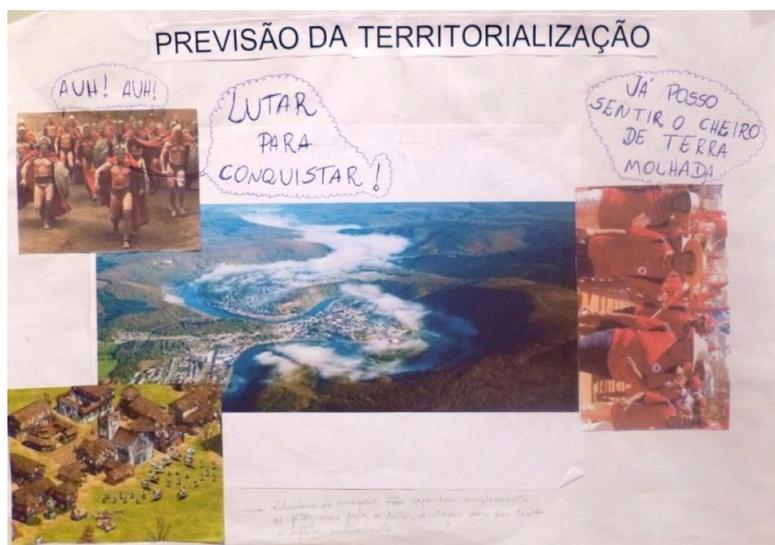


Figura 4 - Segundo trabalho sem questão polêmica evidente (A3)

Este trabalho trata da disputa dos indivíduos por um espaço físico. O tema em si possibilitaria uma discussão muito profunda a respeito do tema, e o embate ideológico poderia gerar um bom trabalho argumentativo. Porém, o autor apenas expôs fotos que tratam do tema, como imagens de territórios, de indígenas, de guerreiros. O trabalho não foi criativo, não provocou uma interação com o leitor, e as imagens não estão coerentemente relacionadas. Além disso, torna-se difícil não só

Trabalho	Análise A3	Análise A4	Critérios visualizados (referentes ao quadro 1)	Recursos linguísticos mais recorrentes
----------	------------	------------	----------------------------------------------------	-------------------------------------------------

determinar qual *tese* está sendo defendida, como também de que o autor quer convencer seu interlocutor.

O texto argumentativo deste segundo trabalho ficou vago e confuso, além de não apresentar uma *tese* ou discussão a respeito de diferentes modos de pensar. Alguns trechos que comprovam isto: “O tema abordado no trabalho mostra as características, como cada povo se movimenta pela busca de um lugar melhor, com melhores condições, e que dê uma qualidade de vida para sua população”; “A diferença no tempo em cada geração viveu e vive pela luta por território, tenta mostrar que independente do século, o povo sempre lutou para defender ou conquistar seu pedaço de terra.”; “E mesmo que esses povos tenham vivido em épocas diferentes, eles se encontram em um certo ponto, e este é o ideal que se aplica de geração em geração”. Notamos que o autor também utiliza de uma metalinguagem (ou intertextualidade manifesta) para se referir ao tema e ao trabalho realizado.

A respeito da investigação do posicionamento dos autores dos dois últimos trabalhos, quanto às ideologias e relações de poder, é visível que não houve preocupação em resistência a alguma noção ou comportamento, visto que não existiu a problematização de nenhuma questão ideológica. Os autores não foram capazes nem de reconhecer uma questão polêmica, além não de combater um pensamento (como machismo, repressão, entre outros.) ou ainda de sustentá-los. Desse modo, o texto que deveria ser argumentativo tendeu mais à dissertação; o que deveria ser uma *tese* a ser defendida virou tema desta dissertação; e as ideologias que deveriam ser combatidas acabaram por recair no senso comum, que nada mais é que a sustentação e a naturalização das próprias ideologias vigentes.

<p><b>Figura 1</b> (Tema: Guarda compartilhada)</p>	<p>Interação com o leitor; propõe a discussão do assunto; reconhece a multiplicidade de alternativas (assunto aberto ao debate).</p>	<p>Apresentação de tese clara; reconhece a possibilidade de outras teses, apesar de defender a sua; dados estatísticos e argumentos coerentes.</p>	<p>1 - metáfora do filho como “fruto” do relacionamento. 2 - associação de “guarda” a “obrigação”; relação entre “falta de compartilhamento” e “prejuízo.”          3 - imagens dispostas lado a lado, sugerindo relação entre elas.          4 - intertextualidade manifesta: dados do IBGE, lei (não citada).          5 - legítima como ‘cultural’ a ideia de que a mãe tem melhor condição de cuidar do filho, embora combata isso.          7 - generaliza ‘pai’ e ‘mãe’ para facilitar argumentação. 8 - não toma como eterna a situação de que a guarda deve ser materna; propõe mudança.          9 - operadores argumentativos como “muitas vezes”, “consequentemente”, “mas”, “por isso”.          10 - texto coeso e coerente, relação de causa/consequência para convencer.          11 - boa estrutura argumentativa: tese, argumentos e conclusão (consecutiva).</p>	<p>- Questionamento (“o que fazer das crianças, fruto do casamento?”) - tentativa de interação com o leitor.          - Maioria das orações na voz ativa.          - Inversão da ordem canônica “sujeito + verbo + objeto” para efeitos discursivos e argumentativos (ex: deslocamento de conjunções subordinadas temporais para ênfase no período ou verbo no início ressaltando a atividade verbal          - “é evidente que...”, “é cultural a ideia que...”).</p>
-----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Partindo destas considerações feitas acerca dos quatro trabalhos selecionados, foram construídos dois quadros comparativos, que reuniram também os critérios elencados no quadro 1, a fim de melhor ilustrar os resultados obtidos com esta pesquisa.

<p><b>Figura 2</b> (Desigualdade social)</p>	<p>Interação com o leitor, visto que não apenas apresenta um fato, mas o faz refletir sobre a imagem; tese clara.</p>	<p>Tese estabelecida; não acredita na possibilidade de mudança por meio de outras teses; convencimento por meio de exemplos/senso comum.</p>	<p>2 - associação entre “diferenças de classe”, “contraste peculiar” e “desigualdade”; “poder” e “status”.</p> <p>3 - ótimo trabalho com imagens; posiciona em 1º plano a figura de maior prestígio social e em 2º a de menor; não desenhou o rosto de nenhuma delas, sugerindo que são pessoas ‘iguais’.</p> <p>4 - intertextualidade constitutiva; não traz dadas, citações, entre outros.</p> <p>7 - recai na generalização de ideias como ‘a população não possui um claro entendimento’, “status, dinheiro, bens são o que mais contam nas relações interpessoais”, “toda a população está incluída em um sistema...”.</p> <p>8 - a situação é tida como imutável; a eternalização está em expressões como “não há solução” e “este fato é inevitável”.</p> <p>9 - operadores argumentativos: “tão”, “mesmo que”, “mas”, “não apenas”.</p> <p>10 - texto razoavelmente coerente, mas alguns erros no uso de operadores argumentativos.</p> <p>11 - tese definida, mas argumentos não tão convincentes (com base no senso comum).</p>	<p>- Orações na voz ativa<sup>5</sup></p> <p>- Elementos como “sujeito”, “verbo” e “objeto” sempre definidos.</p>
--------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>5</sup> Acreditamos que a preferência da voz ativa se deu pelo fato de que o aluno geralmente não pretende apagar o agente das ações de que trata. Assim, pretende sempre responsabilizar alguém pelo ato, preferindo dizer orações como “O governo investe muito dinheiro na Copa” em vez de “Muito dinheiro está sendo investido na Copa”. Assim, a voz ativa facilita na argumentação, na medida em que ela pode

encaminhar para a tese defendida. É também por este motivo que se justificou a ausência do modo de “dissimulação” nos textos, uma vez que esta pretende ocultar os efeitos de uma causa.

Quadro 2 - Análise comparativa dos trabalhos com questão polêmica evidente

Trabalho	Análise A3	Análise A4	Critérios visualizados (referentes à tabela 1)	Recursos linguísticos mais recorrentes
<p><b>Figura 3</b> (Tema: Infância, recordações)</p>	<p>Não define tese ou questão discutível, argumentável; não há criatividade entre as fotos, de modo que a relação entre elas é óbvia; apenas expõe, sem dialogar.</p>	<p>A tese não fica definida e o texto se aproxima mais da dissertação; ideias repetitivas e com base no senso comum (como a ideia de que a infância é importante).</p>	<p>2 - associação constante entre os termos “infância”, “valores”, “importante”, “ética”, contribuindo para a ideia de que a infância é algo bom, de valor. 5, 7 e 8 - não há discussão sobre assimetria das relações de poder ou generalizações que tendam a essa discussão, visto que o próprio tema não é polêmico. 9 - não há operadores argumentativos significativos que encaminhem a uma tese. 10 - não é possível discutir muito bem a coerência (conexão entre ideias), visto que é a mesma ideia que se repete ao longo do texto. 11 - não segue os padrões argumentativos.</p>	<p>- Referência explícita ao tema e aos próprios elementos que compõem o texto que está sendo produzido (como referência aos ‘fatos supracitados’ ou “a temática...”).  - Utilização de plural de modéstia, reforçando a noção de senso comum que percorre o texto.</p>

<p><b>Figura 4</b> (Tema: Disputa territorial)</p>	<p>Não há tese, apenas a apresentação de uma situação; não há interação com o leitor; falta criatividade no trabalho com as imagens.</p>	<p>Não há tese, apenas a exposição de uma situação que ocorreu e ainda ocorre; não há correlações lógicas, nem de causa/consequência, entre outros; texto muito simplificado e sem desenvolvimento de ideias.</p>	<p>2 - escolha de palavras que remetem ao total e ao geral, como “povo”, “população”, “território”, “grupo”, “épocas”. 3 e 4 - não há trabalho significativo realizado em cima do <i>ethos</i> e da intertextualidade. 5, 7 e 8 - o texto não desperta as discussões ideológicas sobre o tema. 9 - não há operadores discursivos que conduzam o leitor ao convencimento. 10 e 11 - texto com ideias genéricas (senso comum) e repetitivas, construídas sem preocupação com a coesão; o gênero é mais dissertativo.</p>	<p>-Referência explícita ao tema que procura elucidar (“o tema abordado no trabalho”).  - Períodos longos e, por vezes, confusos ou sem nexos.</p>
--------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 3 - Análise comparativa dos trabalhos sem questão polêmica evidente

## 5. Considerações finais

Tomando como base os textos que constituem o *corpus* desta pesquisa, mas cientes de que eles são um reflexo da produção textual geral dos mais de 100 textos por nós corrigidos, percebemos que a grande maioria dos alunos possui certa dificuldade em elaborar textos do gênero argumentativo, o que se nota pelo número de textos sem *tese* e sem argumentos definidos - ou, quando há argumentos, estes, muitas vezes, se mostram frágeis e superficiais. A isso se combina alguma incompreensão do comando da atividade (vide textos com referência ao tema, ao texto que está sendo produzido, às orientações de produção de texto), o que demonstra falha na própria transposição de gênero. De modo geral, mesmo quando um texto foi considerado um bom texto argumentativo, ele não se aproxima do que se seria o ideal de fato, podendo, ainda, ser trabalhado pelo aluno, para atingir os objetivos deste gênero em questão.

Agora, cabe responder aos questionamentos levantados. De fato, o *corpus* demonstrou, como podemos verificar nas tabelas 2 e 3, que um texto argumentativo produzido a partir de um multimodal com *questão polêmica* é mais motivado ideologicamente, e ainda mais reflexível, mais aberto à argumentação. De outra forma, os textos argumentativos de trabalhos sem *questão polêmica evidente* são mais centrados em informações do senso comum, de conhecimento geral (não há muito o que discutir com o autor).

Quanto à percepção de marcas gramaticais que conduzam o leitor a acatar a ideia defendida pelo autor, também foi possível observar que os textos que defendem uma *tese* possuem mais operadores argumentativos que os outros, mais “dissertativos”. Assim, há mais marcas gramaticais que levem o receptor a esta percepção (como os operadores argumentativos, “mas”, “até”, “ainda”, entre outros.). Também é visível a tentativa dos autores destes textos de interagir com o leitor, torná-lo sujeito e participante da discussão, o que se evidencia pela presença de questionamentos, ou quando o autor pesa os prós e os contras, reconhecendo a existência de outras maneiras de pensar acerca do tema.

Em linhas gerais, podemos definir os resultados assim:

- Multimodal sem polemicidade > Texto mais próximo da dissertação > Comprometimento da estrutura argumentativa e dos operadores argumentativos
- Multimodal polêmico > Texto mais argumentativo > Presença de uma estrutura argumentativa boa ou razoável; utilização dos operadores argumentativos

No entanto, percebemos que o maior resultado que obtivemos, neste processo, foi o crescimento pessoal em lidar com diversos conteúdos e em perceber a difícil tarefa que enfrenta o professor da disciplina de texto, especificamente este que trabalha com alunos de diversos cursos, que possuem diferentes conhecimentos acumulados acerca da produção textual.

Muitos são os desafios, se pensarmos nas soluções a serem trabalhadas na tentativa de tornar os alunos proficientes na produção de textos argumentativos e de trabalhos multimodais.

Assim, torna-se imprescindível que o aluno trabalhe com a leitura e a produção textual ao longo de sua vida escolar, desde que ingresse numa sala de aula. Afinal, se o ato de argumentar é de fato, como afirma Koch, “o ato linguístico fundamental”, é necessário que os alunos leiam e produzam textos do gênero argumentativo, desde cedo. Por fim, com o hábito da argumentação, eles vão extrapolar o plano textual para a própria prática social, fazendo com que seus discursos tenham eco na sociedade em que vivem.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- DIAS, Juliana. *Histórias infantis: uma leitura crítica da prática escolar*. [dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press and Blackwell Publishers Ltd., 1992.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Coord. e pref. à ed. bras. I. Magalhães. Trad. I. Magalhães et al. Brasília, DF: Editora UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes Centro do Livro Brasileiro, 1972.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.

KOCH, I. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, J. 1995. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis : Vozes. 1995.